

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A lição do amigo

*Cartas de Mário de Andrade a
Carlos Drummond de Andrade*

Anotadas pelo destinatário

Posfácio

André Botelho



COMPANHIA DAS LETRAS

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br
Copyright © 2015 by Sucessores de Mário de Andrade

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

<completar>

Preparação

Aurora Piccini

Revisão

Angela das Neves

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Mário de, 1893-1945.

A lição do amigo : cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário / posfácio André Botelho. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2601-9

1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 2. Andrade, Mário de, 1893-1945 – Correspondência 3. Escritores brasileiros – Correspondência 1. Andrade, Mário de, 1893-1945. II. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. III. Botelho, André. IV. Título.

15-03826

CDD-869.96

Índice para catálogo sistemático:

1. Cartas : Literatura brasileira 869.96

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação — Carlos Drummond de Andrade, 9

Convenções, 15

A lição do amigo — Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 17

Apêndices, 363

Posfácio — *Brasil caixa postal: por uma educação estética modernista*, por André Botelho, 414

Referências bibliográficas, 435

1.

São Paulo, 10 de novembro, 1924

Meu caro Carlos Drummond

Já começava a desesperar da minha resposta? Meu Deus! comecei esta carta com pretensão... Em todo caso de mim não desespere nunca. Eu respondo sempre aos amigos. Às vezes demoro um pouco, mas nunca por desleixo ou esquecimento. As solicitações da vida é que são muitas e as da minha agora muitíssimas e... Quer saber quais são? Tenho o meu trabalho cotidiano, é lógico. Lições no Conservatório,¹ lições particulares. Mas atualmente as minhas preocupações são as seguintes: escrever dísticos estrambóticos e divertidos prum baile futurista que vai haver na alta roda daqui (a que não pertenço, aliás).² Escolher vestidos extravagantes mas bonitos pra mulher dum amigo que vai ao tal baile. E escrever uma conferência sem valor mas que divirta pra uma festa que damos, o pianista Sousa Lima³ e eu, no Automóvel Clube, sexta-feira que vem. São as minhas grandes preocupações do momento. Serão desprezíveis pra qualquer idiota antiquado, aguado e simbolista. Pra mim são tão importantes como escrever um romance ou sofrer uma

recusa de amor. Tudo está em gostar da vida e saber vivê-la. Só há um jeito feliz de viver a vida: é ter espírito religioso. Explico melhor: não se trata de ter espírito católico ou budista, trata-se de ter espírito religioso pra com a vida, isto é, viver com religião a vida. Eu sempre gostei muito de viver, de maneira que nenhuma manifestação da vida me é indiferente. Eu tanto aprecio uma boa caminhada a pé até o alto da Lapa como uma tocata de Bach e ponho tanto entusiasmo e carinho no escrever um dístico que vai figurar nas paredes dum bailarico e morrer no lixo depois como um romance a que darei a impassível eternidade da impressão. Eu acho, Drummond, pensando bem, que o que falta pra certos moços de tendência modernista brasileiros é isto: gostarem de verdade da vida. Como não atinaram com o verdadeiro jeito de gostar da vida, cansam-se, ficam tristes ou então fingem alegria o que ainda é mais idiota do que ser sinceramente triste. Eu não posso compreender um homem de gabinete e vocês todos, do Rio, de Minas, do Norte me parecem um pouco de gabinete demais. Meu Deus! se eu estivesse nessas terras admiráveis em que vocês vivem, com que gosto, com que religião eu caminharia sempre pelo mesmo caminho (não há mesmo caminho pros amantes da Terra) em longas caminhadas! Que diabo! estudar é bom e eu também estudo. Mas depois do estudo do livro e do gozo do livro, ou antes vem o estudo e gozo da ação corporal. Eu neste ponto não aconselho nada porque nisso a gente não se muda por causa de conselhos alheios, mas um dos desastres que impedem a felicidade, que é naturalidade, de vocês está aí: em casa lendo, redação de jornal, café com amigos sobre tal livro, tal escritor, escrever coisas depois, talvez cinema e depois farra com mulheres. Isso não é vida que se leve! Isso é vício. Está muito bem com todas as outras formas de vida juntas, mas assim sozinhos e continuados é miséria, decadência e infelicidade na certa. É horrível. Veja bem, eu não ataco nem nego a erudição e a civilização, como fez o Osvaldo⁴ num momento de erro, ao contrário respeito-as e cá tenho também (comendidamente, muito comendidamente) as minhas fichinhas de leitura.⁵ Mas vivo tudo. Que passeios admiráveis eu faço, só! Mas ninguém nunca está só a não ser em especiais estados de alma, raros, em que o cansaço, preocupações, dores demasiado fortes tomam a gente e há essa desagregação dos sentidos e das partes da inteligência e da sensibilidade. Então a gente fica só por milhões de amigos que tenha ao lado. Se não, não. Um sentido conversa com outro, a razão discute com a imaginativa etc. e é uma camarada-

gem sublime de pessoas tão íntimas como nenhum Castor e Pólux ideais.⁶ E então parar e puxar conversa com gente chamada baixa e ignorante! Como é gostoso! Fique sabendo duma coisa, se não sabe ainda: é com essa gente que se aprende a sentir e não com a inteligência e a erudição livresca. Eles é que conservam o espírito religioso da vida e fazem tudo sublimemente num ritual esclarecido de religião. Eu conto no meu “Carnaval carioca”⁷ um fato a que assisti em plena avenida Rio Branco. Uns negros dançando o samba. Mas havia uma negra moça que dançava melhor que os outros. Os jeitos eram os mesmos, mesma habilidade, mesma sensualidade mas ela era melhor. Só porque os outros faziam aquilo um pouco decorado, maquinizado, olhando o povo em volta deles, um automóvel que passava. Ela, não. Dançava com religião.⁸ Não olhava pra lado nenhum. Vivia a dança. E era sublime. Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes. Aquela negra me ensinou o que milhões, milhões é exagero, muitos livros não me ensinaram. Ela me ensinou a felicidade. Bom! não é preciso ninar a vida pra ser feliz dentro dela e ainda tenho umas coisinhas pra lhe dizer e perguntar. Primeiro você me fala numa carta que escrevi ao Martins de Almeida.⁹ Ora, eu já escrevi duas e da segunda não veio resposta. Não sabe se ele a recebeu? Se não, fico seriamente triste porque era longa, não era pensada, não, mas era tão minha, dada de coração, e eu me horrorizo de me pensarem ingrato ou indiferente. Ele que me escreva qualquer coisa. A carta foi registrada pra avenida Paraopeba 272. Segundo: li seu artigo. Está muito bom. Mas nele ressalta bem o que falta a você — *espírito de mocidade brasileira*. Está bom demais pra você. Quero dizer: está muito bem pensante, refletido, sereno, acomodado, justo, principalmente isso, escrito com grande espírito de justiça.¹⁰ Pois eu preferia que você dissesse asneiras, injustiças, maldades moças que nunca fizeram mal a quem sofre delas. Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa. Com toda a abundância do meu coração eu lhe digo que isso é uma pena. Eu sofro com isso. Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo. Apesar de todo o ceticismo, apesar de todo o pessimismo e apesar de todo o século XIX, seja ingênuo, seja bobo, mas acredite que um sacrifício é lindo. O natural da mocidade é crer e muitos moços não creem. Que horror! Veja os moços modernos da Alemanha, da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, de toda a parte: eles creem, Carlos, e talvez sem que o façam conscientemente, se sacrificam. Nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que

por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime. E nos dá felicidade. Eu me sacrifiquei inteiramente e quando eu penso em mim nas horas de consciência, eu mal posso respirar, quase gemo na pleura da minha felicidade. Toda a minha obra é transitória e caduca, eu sei. E eu quero que ela seja transitória.¹¹ Com a inteligência não pequena que Deus me deu e com os meus estudos, tenho a certeza de que eu poderia fazer uma obra mais ou menos duradoura. Mas que me importam a eternidade entre os homens da Terra e a celebridade? Mando-as à merda. Eu não amo o Brasil espiritualmente mais que a França ou a Cochinchina. Mas é no Brasil que me acontece viver e agora só no Brasil eu penso e por ele tudo sacrifiquei. A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço são pro Brasil. E isso nem sei se tem mérito porque me dá felicidade, que é a minha razão de ser da vida. Foi preciso coragem, confesso, porque as vaidades são muitas. Mas a gente tem a propriedade de substituir uma vaidade por outra. Foi o que fiz. A minha vaidade hoje é de ser transitório. Estraçalho a minha obra. Escrevo língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar a atenção dos mais fortes do que eu pra este monstro mole e indeciso ainda que é o Brasil. Os gênios nacionais não são de geração espontânea. Eles nascem porque um amontoado de sacrifícios humanos anteriores lhes preparou a altitude necessária de onde podem descortinar e revelar uma nação. Que me importa que a minha obra não fique? É uma vaidade idiota pensar em ficar, principalmente quando não se sente dentro do corpo aquela fatalidade inelutável que move a mão dos gênios. O importante não é ficar, é viver. Eu vivo. E vocês não vivem porque são uns despaisados e não têm a coragem suficiente pra serem vocês. E preciso que vocês se ajuntem a nós ou com este delírio religioso que é meu, do Osvaldo,¹² de Tarsila¹³ ou com a clara serenidade e deliciosa flexibilidade do pessoal do Rio, Graça,¹⁴ Ronald.¹⁵ De qualquer jeito porque não se trata de formar escola com um mestrão na frente. Trata-se de ser. E vocês por enquanto ainda não são. Responda, discuta, aceite ou não aceite, responda. Amigo eu serei sempre de qualquer forma. Não é a amizade e a admiração que diminuirão, é a qualidade delas. Amizade triste ou amizade alegre e do mesmo jeito a admiração. Desculpe esta longuidão de carta. Eu sofro de gigantismo epistolar. Como vai o Nava?¹⁶ Vocês não arranjam mesmo um jeitinho de vir passar uns dias em São Paulo? Isto aqui é engraçado. Me avisem antes se um dia se aventu-

rarem até aqui. E até logo. Vou lhe mandar uma cópia do “Noturno”,¹⁷ é só minha irmã ter um tempinho e passará a versalhada a máquina. Olhe, a *Estética* publicou um poema meu, “Danças”, que eu acho que tem alguma coisinha dentro.¹⁸ Reflita e mande me dizer.

Um abraço do

Mário de Andrade

Notas

1. Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde em 1917 MA se diplomou no curso de piano. A partir de 1922, aí lecionou história da música e estética. Seu pai, Carlos Augusto de Andrade, era amigo do diretor, Gomes Cardim, e fazia a contabilidade do estabelecimento, onde também estudou seu irmão Renato, falecido em 22 de junho de 1913 aos catorze anos.

2. Em carta a Manuel Bandeira, sem data, mas certamente de novembro de 1924, MA conta o que fará à noite: “Depois venho pra casa, ponho a casaca e vou sapear o baile futurista. Só sapear. À uma hora estarei em casa outra vez”. (MA/MB, p. 62) Na carta seguinte, ao mesmo, em 24 de novembro, narra o que foi a festa:

... em vez de voltar do baile à uma hora, voltei às seis e trinta, pleno dia. Esteve estupendo. Mais como divertimento que como beleza. Poucas mulheres vestidas de fantasia. São Paulo é sempre província ainda. Começaram a falar muito e as mulheres ficaram com medo. Algumas doze fantasias só. Aliás o baile não era da sociedade Automóvel Clube. Era dado por um grupo de rapazes ricos. No máximo umas cento e cinquenta pessoas. Das mulheres fantasiadas: uma Caldeira cubista deliciosíssima e uma Fifi Lebre Pádua Safes sublime maravilhosa *clou*. O Segall pedira três contos pra decorar as três salas. Os rapazes, que estavam gastando muito, recuaram e só deram ao Segall uma das salas. As outras decoradas por não sei quem, muito idiota, sem alegria, sem beleza, porcaria. Em compensação a sala do Segall era maravilha. Um espírito, um colorido, uma leveza, uma alegria estupenda. *Clou* também. Em vez de flores, vegetais comestíveis. Não imaginas como é lindo um repolho bem colocado! Tinha um vaso finíssimo cheio de rabanetes e cenouras, verdadeiramente sublime. Uma pândega. Em vez de sapear só, sapeei e dancei. O jazz estava engraçadíssimo. Alegria assim nunca se viu nesta gente macambúzia da minha cidade. (MA/MB, p. 63)

O interesse de MA por bailes que fossem mais do que reuniões dançantes convencionais manifesta-se ainda em 1933, quando escreve estes versos para o convite, desenhado também

por Lasar Segall, do baile de carnaval da SPAM — Sociedade Pró-Arte Madeira (Paulo Mendes de Almeida, *De Anita ao Museu*, p. 45):

E se abre a farra fanfarrã!
Doutores, mendigos, exóticas
Pernas, carruagens estrambóticas
Brançarolas a rataplã,
Heróis nascidos na antevéspera,
Jogadores de boxe e víspora,
Esposas, cascos, besta ruã...
É a fauna urbana e suburbana
Dançando o foxe, a quero-mana
Corda bamba, valsa alemã
Samba, tango, jongo e bolero!
Vinde ver isso ao Trocadero
Na Carnavalada da SPAM!

3. João de Sousa Lima (São Paulo, 1898-1982). Compositor e pianista, primeiro prêmio de piano pelo Conservatório de Paris (1922). MA dedicou-lhe um artigo na *Klaxon* (out. 1922), concluindo:

O que fui procurar no seu concerto, Sousa Lima deu-me com fartura, isto é, a MUSICALIDADE. Por isso afirmo mais atrás que breve será grande intérprete de clássicos e modernos. Não é sentimental, graças a Deus! Acredito pois que nos românticos não atingirá nunca a plenitude de sua personalidade. Como é lindo meu prazer, neste momento, em aplaudir Sousa Lima, grande e corajoso *primeiro intérprete brasileiro* que soube quebrar as cadeias de pegajoso sentimentalismo a que azarentamente nos fadou o ocasional enlace das três raças tristes!

4. José Oswald de Souza Andrade, isto é, Oswald de Andrade (São Paulo, 11 jan. 1890-22 out. 1954). Romancista, teatrólogo, ensaísta, poeta, foi, juntamente com MA, figura central do movimento modernista. Lançou o *Manifesto da poesia pau-brasil* (1924) e o *Manifesto antropofágico* (1928). Autor, entre outras obras, de *Os condenados* (1922), *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), *Pau-brasil* (1925), *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* (1927), *Estrela de absinto* (1927), *Serafim Ponte Grande* (1933), *O rei da vela* (1937), *Marco zero* e *A revolução melancólica* (1943), *Chão* (1945), *Um homem sem profissão* (1954).

5. Conta Mário da Silva Brito, *Diário intemporal*, p. 165:

Metódico, extremamente organizado e trabalhador — trabalhador que chegava até a exaustão —, MA mantinha um fichário de que muito se falava — sobre os inúmeros assuntos de sua especialidade, ou sobre outros que, eventualmente, lhe chamassem a atenção, e que, um dia, pudessem ser objeto de estudo mais acurado ou de mera citação. Nas fichas e nos envelopes cheios de papeizinhos com anotações suas, relativas a obras

que havia lido ou a ideias que lhe ocorriam quando andava pelas ruas pensanteando, guardava-se um mundo de conhecimentos, de saber rigoroso, de horas e horas diárias de labor, estudo e paciência. Exibindo-me o famoso fichário, foi dando-me explicações de como procedia e do material que ali reunira:

— Aqui estão as fichas sobre catimbó, por exemplo. Estas são as de pintura. Agora as de crítica. E as de música, e de pintura, e assim por diante.

— E aquelas ali? De que tratam?

— De zoofonia.

6. Ver carta 89, em que, vinte anos depois, MA fala de sua “angustiosa impossibilidade de solidão”.

7. Poema de 1923, incluído em *Clã do jabuti* (OC, II, pp. 159-71).

8.

A baiana se foi na religião de Carnaval

Como quem cumpre uma Promessa.

... A mais moça bulcão polido ondulações lentas lentamente

Com as arrecadas chispando raios

glaucos oiro na luz peluda de pó.

Só as ancas ventre dissolvendo-se em vaivéns de ondas em cio.

Termina se benzendo religiosa talqualmente num ritual.

9. Francisco Martins de Almeida (Leopoldina, MG, 7 jan. 1904-Rio de Janeiro, 1983). Crítico e ensaísta, integrante do movimento modernista de Belo Horizonte, autor de *Brasil errado* (1932) e *O avesso dos maridos enganados* ou *A sociedade dos comos livres* (1976). Codiretor de *A Revista*, de Belo Horizonte, onde se revelou o melhor espírito crítico da nossa geração. Perderam-se as cartas que lhe escreveu MA, com exceção de uma, de que possuo cópia, fornecida pelo destinatário. Aqui a reproduzo parcialmente, esperando que o texto completo figure, devidamente anotado, na desejada publicação da correspondência de MA:

São Paulo, 19 de março de 1926

Ah! Martins de Almeida, tenho recebido tudo o que você mandou, cartas e a *Revista*... Mas você não pode imaginar que vida apertada ando vivendo. Só por isso não tenho respondido. Escrevo artigo sobre artigo. É *A Manhã* do Rio (quero que você leia o meu artigo de ontem “Contrabando de passadismo” que define minha posição social), é *Terra Roxa* aqui, é o *São Paulo Jornal* onde estou como crítico musical e tenho trabalho quase diário e ainda por cima um curso de estética geral pra moças com conferências semanais. E como tenho péssima faculdade de falar de improviso, sou obrigado a escrever essas conferências! Imagine a trabalhadeira! Contando ainda com meus cursos no Conservatório e particulares. Não tenho vida mais. Estou reduzido a uma máquina pra sustentar os outros. Miséria miserável que me faz sofrer. Não leio nada. Não escrevo nada de aproveitável. Meus livros todos parados. Não escrevo pra

nenhum amigo quase. Até o Manu [Manuel Bandeira] que é o do coração nem sei dele. Hei de reagir mas não pode ser tão já. Estava carecido de ganhar um pouco mais pra me enroupar, comprar uns livros e umas músicas. Talvez pelo fim do ano readquiria minha vida se Deus quiser.

A *Revista* está excelente. Não tanto pela colaboração de fora como por você. Até por isso que acho o nº 2 melhor que o 3. Acabo de falar isso mesmo pra Nava. E você? Quando nos manda um artigo pra *Terra Roxa*? Me esqueci de insistir com o Nava também. Insista você por favor. E com o João Alphonsus. E com o Emílio Moura. Mas mandem prosa que é melhor. Prosa é mais legível e estamos vendo se conseguimos fazer o jornaleco se sustentar.

[...] Você está sem o Drummond aí e o meu primeiro movimento, o mais sincero, foi me felicitar por causa disso. Depois corriji pra maior nobreza e lamento sinceramente mas espiritualmente essa separação. Eu adoro o Carlos. Foi a inveja que me fez de primeiro ter um movimentinho de alegria de vê-lo sequestrado de Belo Horizonte. Tenho por ele uma afeição admirada muito quentinha que me faz quando penso nele me sentir bem. A impressão que tenho dele é dessas que grudam como cheiro de laranja azeda. Não sai mais. É de vocês todos o que me dá mais a sensação, a comoção igual à que tive com certas paisagens mineiras, sobretudo uma tarde maravilhosa em Carmo da Mata. Que gostosura! que boniteza pura! que silêncio caricioso e cheio de amor ardendo dentro! E uma força de terra virgem atrás, cheia de ouro, cheia de vegetal e de minério rico. Isso é o Carlos pra mim. A impressão que ele dá pros que o veem pouco é de segura... Eu amoleci essa segura... Pra mim ele é um amigo verdadeiro, nunca esqueço a inteligência extraordinária e o lirismo incansável que ele é. O adoro. Queria o Carlos juntinho de mim... Não pode ser! Lá está em Itabira do Mato Dentro, que é dos nomes mais maravilhosos que conheço... Carecemos agora de agasalhá-lo ainda mais nos nossos carinhos e esperanças, Martins de Almeida. A terra, assim meio virgem pra onde ele foi, é boa mas traíçoera. Faz a gente se esquecer da cabeça. A terra ama por demais, chupa a gente...

Bom, até logo. Não se esqueça de continuar me escrevendo. Invente assunto pra discutirmos. Andamos tão concordes e cheios de notícias!...

Ciao. Mário

10. “Anatole France”, artigo a propósito da morte desse escritor francês que exerceu grande influência na formação intelectual de muitos escritores brasileiros (*Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 out. 1924). Em *Estudos literários*, 1, p. 31, Alceu Amoroso Lima alude à “dependência que a marca de Anatole France me deixara, ou antes *nos* deixara”. Ver cartas 2 e 6.

11. A afirmação de que sacrificava o interesse estético de sua obra a valores de utilidade social mais forte foi uma constante na correspondência de MA. Ver carta 4. Poderiam citar-se muitas outras comprovações desta intenção constante. Basta lembrar este trecho da carta a Alceu Amoroso Lima: “Eu nasci pra fazer a obra temporária que age, força a vida e morre cumprida a ação” (MA/EC, pp. 40-1).

12. Oswald de Andrade.

13. Tarsila do Amaral (Capivari, SP, 1º set. 1896-São Paulo, 17 jan. 1973). Pintora representativa do movimento modernista, inicia em 1924 a série de telas a que se deu o nome de “pintura pau-brasil”, em consonância com a corrente literária dessa mesma designação, liderada por seu marido Oswald de Andrade. Em 1928, pinta *Abaporu*, que igualmente se reflete no movimento da antropofagia, lançado por Oswald de Andrade e Raul Bopp. Ler, de Aracy A. Amaral, *Tarsila — Sua obra e seu tempo*.

14. José Pereira da Graça Aranha (São Luís, MA, 21 jun. 1868-Rio de Janeiro, 26 jan. 1931). Romancista e ensaísta, rompeu com a Academia Brasileira de Letras, a que pertencia, para empenhar-se na renovação literária do modernismo. Autor de *Canaã* (1902), *A estética da vida* (1921), *O espírito moderno* (1924), *A viagem maravilhosa* (1930). A pregação teórica da alegria, desenvolvida por ele, irritava MA, que numa de suas “Crônicas de Belasarte” (*América brasileira*, Rio de Janeiro, jan. 1924) escreveu: “Perpétua Alegria!... Que horror! Isso é a negação da alegria. Imaginem todos os homens da Terra imersos na Perpétua Alegria... Esta deixaria por isso mesmo de existir”. E em carta a Manuel Bandeira, 18 abr. 1925:

Começo a achar que o Graça Aranha é o sujeito que mais mal me faz na minha vida porque trouxe o problema da alegria pro Brasil. A verdadeira alegria nem sabe que é alegre. Eu não sabia que era alegre. Agora é que sei. Felizmente que pude vencer o preconceito da alegria por causa da minha imensa vida. (MA/MB, p. 72)

Ao mesmo, em 7 de maio de 1925:

Graça querendo fazer do brasileiro um tipão alegre por... teoria filosófica e integração no Todo Infinito com uma incompreensão inteirinha do homem brasileiro que ele não observou, contrariando a psicologia natural desse homem, fazendo da alegria um preconceito a ponto de ver alegria nas minhas Danças tão tristes e doloridas, qual!... (MA/MB, p. 76)

15. Ronald de Carvalho (Rio de Janeiro, 16 maio 1893-15 fev. 1935). Poeta, ensaísta e diplomata, evoluiu da tendência simbolista (*Luz gloriosa*, 1913) para o modernismo, de que fez doutrinação em *O Jornal*, Rio de Janeiro. Autor de *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922), *Jogos pueris* (1926), *Toda a América* (1926). Publicou ainda *Pequena história da literatura brasileira* (1919).

16. Pedro da Silva Nava (Juiz de Fora, MG, 5 jun. 1903-Rio de Janeiro, 13 maio 1985). Escritor e médico reumatologista, poeta e artista plástico bissexto, autor dos livros de memórias *Bau de ossos* (1972), *Balão cativo* (1973), *Chão de ferro* (1976), *Beira-mar* (1978), *Galo-dastrevas* (1981), *O lírio perfeito* (1983), e de mais de uma centena de trabalhos sobre medicina. Fez ilustrações para um exemplar de *Macunaíma*, reproduzidas na edição crítica desse livro de MA, preparada por Telê Porto Ancona Lopez (1978). Prestou assistência médica a MA quando este residiu no Rio de Janeiro.

17. “Noturno de Belo Horizonte”, poema escrito após a excursão do grupo modernista de São Paulo a Minas Gerais (1924). Está em *Clã do jabuti* (OC, II, pp. 179-93).

18. *Estética*, revista dirigida por Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda (Rio de Janeiro, 1924-5). O poema foi publicado no primeiro número e está em *Remate de*

males (OC, II, pp. 222-36). A coleção de três números foi reproduzida em edição fac-similada, com apresentação de Pedro Dantas (pseudônimo de Prudente de Moraes Neto): “Vida da *estética* e não estética da vida”, e “Glossário de homens e Coisas da *Estética*”, de Mário Camarinha da Silva (1974).